

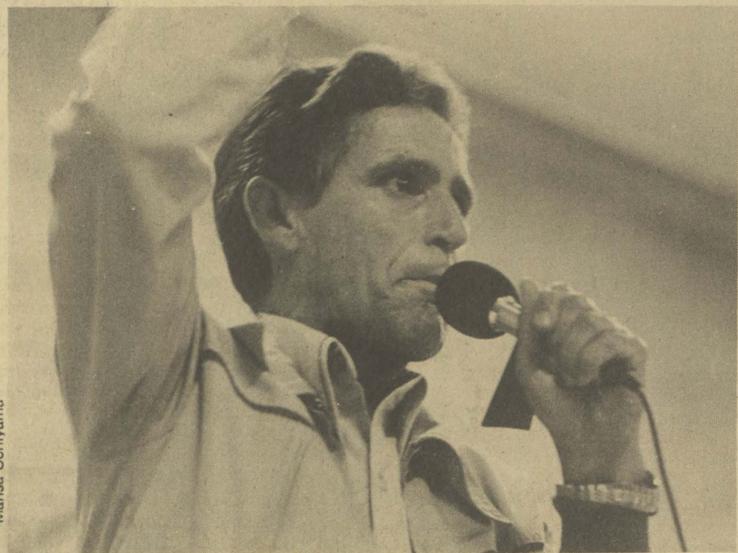
segunda-feira 15 é Dia Nacional
de Luta contra a Lei de Segurança,
Em São Bernardo grande manifestação
unitária às 10 horas no Paço Municipal.
TODOS PRESENTES!

Tribuna Operária

Nº 33, ANO II, DE 14/02 A 28/02 DE 1981

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 15,00

GENERAL SOLTA PREÇOS E QUER PRENDER OPERÁRIOS



Marisa Uchiyama

Aurélio vai para a cabeça do maior sindicato do Brasil!

O deputado operário
Aurélio Peres lança proposta
para dar vida nova
aos Sindicato dos Metalúrgicos
de São Paulo.

O Manifesto programa está na pág. 8

Figueiredo e sua gang pretendem pôr na cadeia os líderes dos metalúrgicos de São Bernardo. Mas no dia do julgamento vão levar o troco. Os trabalhadores não engolem a Lei de Segurança das Multinacionais. Pág. 3



Correspondente operário da TO conta a batalha campal entre polícia e 20 mil trabalhadores num subúrbio de S.P. Pág. 8

Editorial

Figueiredo foi, entregou e enrolou

Com o mais profundo desprezo pelas dificuldades do povo, o general Figueiredo consumiu rios de dinheiro com festas e mordomias para sua suntuosa comitiva, em viagem à Europa, onde foi assinar diversos acordos lesivos à economia nacional.

Falando cinicamente em conseguir ajuda da França para o Brasil, o general trocou mais um pouco de nossa soberania por 30 dinheiros (dólares, no caso), que vão ficar nos próprios bancos internacionais como pagamento de parte da nossa dívida externa, ou vão servir para comprar mais produtos estrangeiros.

Ficou acertada a compra de dois navios de transporte, enquanto no Brasil a indústria naval está com capacidade ociosa e até despedindo trabalhadores. O general assinou a compra de material ferroviário estrangeiro, quando este setor aqui no país também trabalha com capacidade ociosa. Contratou a compra de uma série de cinco termelétricas, menosprezando a capacidade da indústria de máquinas e equipamentos instalada internamente e descartando a possibilidade de hidrelétricas, que correspondem melhor às condições do país.

A submissão aos interesses multinacionais é tão grande que boa parte dos contratos foi para a instalação de uma rede de radares com fins militares, com

tecnologia francesa, inteiramente contrária aos interesses da nossa gente.

Atrás do palavrório sobre a ajuda estrangeira, está o aprofundamento da submissão do país ao capital estrangeiro, da dependência à tecnologia importada, a sabotagem da indústria nacional e o aumento do desemprego para o trabalhador brasileiro.

Para completar a farsa, o ex-chefe do SNI teve a cara-de-pau de falar em democracia e disse que conversaria até com os comunistas. Mas, ao contrário da demagogia do general, a prática do regime militar é o enquadramento na Lei de Segurança Nacional de 13 líderes sindicais operários, de vários estudantes de Florianópolis, de três jornalistas de Belo Horizonte e de diretores do jornal *Hora do Povo*. É a existência de dois presos políticos em Minas Gerais, após a anistia parcial. É a expulsão arbitrária de estrangeiros, o enquadramento do editor da *Folha de S. Paulo* na Lei de Imprensa e a tentativa de fraudar as eleições de 82 com o voto distrital.

A classe operária, os comunistas e os verdadeiros democratas acusam os generais de demagogia e traição à pátria. E entendem que a conquista da liberdade, da independência e do progresso social exige de imediato a liquidação deste regime de fome, entreguismo e opressão!

Chapa 1 ganhou de mais de dois mil votos em Osasco



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Camargo

Favelados tomaram o asfalto. Pág. 2

Milhares exigem: casas sim, favelas não

Em São Paulo 3.500 favelados saem às ruas exigindo "casa pra morar" enquanto mil moradores da Cohab lutam contra o despejo. Em Camaçari, na Bahia, obtêm casas pra morar na marra, enfrentando até a polícia. O problema da moradia afeta a maioria da população brasileira. Por isso a luta para obter a casa própria, a cada dia mobiliza mais gente.

Passeatas de favelados

"Favelado vai brigar pra ter casa pra morar" era o que estava escrito numa grande faixa diante dos 3500 favelados que se reuniram em frente à catedral da Sé, em São Paulo, e mostrava a disposição daqueles moradores de favelas de não mais aceitar a situação de abandono em que vivem. A manifestação de protesto, realizado dia 6, foi coordenada pelo Movimento de Favelas de São Paulo e além de moradia reivindicava a instalação de água, luz e esgoto nas favelas.

gente ir pra favela é do nosso salário muito baixo. Por isso é que nós temos que combater esse regime aí".

Em São Paulo as favelas têm crescido 30% ao ano, enquanto a população da cidade cresce de 5% ao ano.

A carestia, os altos aluguéis e os baixos salários obrigam grande parcela de trabalhadores a se tornar favelados. Não é por outra razão que a primeira grande manifestação em São Paulo este ano foi dos favelados. E a luta está apenas começando.



Moradores em Itaquera atentos contra o arbítrio da Cohab...

A história começou dois anos atrás, quando os moradores adquiriram suas casas da Cohab, que exigia de entrada Cr\$ 15 mil. Como a maioria não tinha este dinheiro disponível, os moradores deram autorização para que a quantia fosse levantada no Fundo de Garantia. Por incompetência administrativa, a Cohab não usou esse dinheiro do FGTS para amortizar a dívida dos moradores; mas agora pretende executar a dívida, com juros e correção monetária.

enfrenta estes problemas e ainda consegue as melhores casas. Um funcionário público, já de idade, contrário a este tipo de coisas, diz que "alguns mais avantajados que entraram aqui foi através de políticos do governo".

DIFÍCIL TER UMA CASA

Problemas deste tipo são enfrentados por milhares de famílias no Brasil todo, que são obrigadas a recorrer ao BNH para obter casa própria. O BNH foi criado em 1964 com o dinheiro do FGTS (Fundo de Garantia dos Trabalhadores) com a proposta de resolver o problema de habitação do país, mas 16 anos após, o Brasil possui um déficit de seis milhões de residências.

Quem lucrou com este Banco foram as grandes construtoras e imobiliárias.

Hoje, quem estiver interessado em adquirir sua casa através do BNH terá de enfrentar toda uma burocracia e a longa espera por uma vaga. O financiamento das residências do BNH é feito pelo Sistema Financeiro de Habitação (SFH). Neste momento o governo pretende mudar os reajustes do SFH, que deverá sofrer aumentos exorbitantes, pesando ainda mais no orçamento familiar.

(Domingos de Abreu)



... enquanto na Praça da Sé os favelados protestavam

Só na marra pra ter casa

Enquanto isso, na cidade de Camaçari, na Bahia, cansados de esperar a entrega de casas que já estavam prontas há mais de dois anos, os moradores resolveram tomar posse na marra. O governador da Bahia, que vive confortavelmente em seu palácio sem pagar aluguel, depois que houve a invasão mandou ao local seis camburões da tropa de choque com cachorros e todo um armamento de guerra. Ameaçaram toda a população mas o pessoal não saiu.

Há mais de dois anos que a construtora Urbis concluiu as casas que deveriam ser destinadas às pessoas que estavam inscritas, algumas há mais de quatro anos. Como elas continuavam fechadas, o povo, não aguentando mais pagar aluguel, tomou a decisão de invadi-las. No início foi uma pequena quantidade de famílias, mas em seguida outros "invasores" foram se apossando das casas, mesmo em condições precárias.

VIDA NOVA NO BAIRRO

As pessoas se encarregaram de mudar o aspecto do bairro. Aquele local que antes era esconderijo de ladrões, local de prostituição, foco de maconheiros, foi tomando uma nova vida. As casas que estavam sendo destruídas pelo mato e abrigavam cobras e outros animais,

passaram a ser habitadas por famílias, que firmaram o compromisso de não se retirar, custasse o que custasse.

O movimento ganhou apoio na comunidade, destacando-se a solidariedade a Igreja local, do Movimento Contra a Carestia e de moradores de vários outros bairros. Toda a cidade se posicionou ao lado dos ocupantes, menos os vereadores do PDS.

Os ocupantes organizaram uma comissão que ficou encarregada de entrar em contato com o presidente da Urbis e com o governador. Este marcou encontro com os moradores para dois meses depois, mostrando o descaso que tem para com o povo. As pressões continuaram e finalmente, no dia 27 de janeiro, os responsáveis pela entrega das casas asseguraram que quem já se encontrava alojado, dali para a frente passaria a ser o dono.

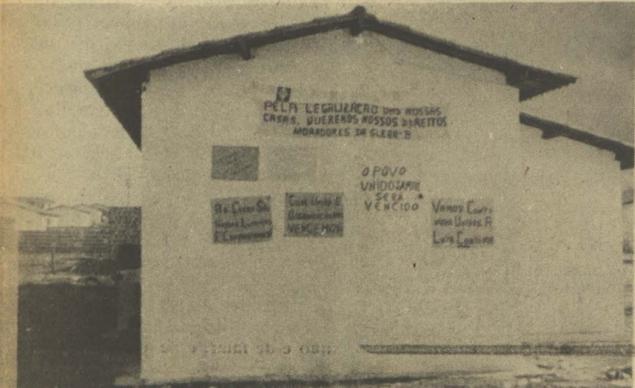
Isso foi comemorado por todos. No dia 31 foi realizada "A Grande Festa da Vitória", que se prolongou até a madrugada do dia seguinte. Da luta surge agora uma Associação de Bairro autêntica, forte e temperada com uma vitória que se deveu unicamente a união, organização e combatividade dos moradores. (Do correspondente em Camaçari-BA)

As canalhices do BNH

"O BNH não pode vir aqui explicar essa imoralidade. Eles manipulam nosso Fundo de Garantia, cobram juros sobre nosso dinheiro, isso tudo para sustentar as mordomias de seus diretores. Isso é uma canalhice!" Este foi o desabafo indignado de Ellison Gomes, um dos moradores dos conjuntos habitacionais Padre José de Anchieta e Padre Manuel da Nóbrega, em

Itaquera, bairro da Zona Leste de São Paulo.

A revolta ali é geral, devido às irregularidades praticadas pela Cohab. São quase mil famílias, a maioria operários, que estão ameaçadas de despejo e penhora dos bens pelo departamento jurídico da Cohab, caso não paguem uma quantia que varia de 35 mil a 45 mil cruzeiros.



Estas casas foram ocupadas na marra pelos moradores

TRAMBIQUES DA COHAB

Na assembléia realizada dia 6 de fevereiro, que lotou o Centro Comunitário, os moradores acusaram a Cohab de trambiqueira e estelionatária. O representante do Banco Nacional de Habitação (BNH) que foi convidado a dar uma explicação para o problema não compareceu.

Outra irregularidade que a Cohab está cometendo é aumentar os preços das mensalidades antes do prazo. "Fui obrigado a assinar um contrato em branco" reclama Raimundo Nonato Feitosa, representante de 40 famílias de um prédio do conjunto habitacional. "Sabe por que assinei? Porque disseram se eu não entregasse o carne para mudar o preço seria despejado. Num ano tive três aumentos"

Agora, quem é apadrinhado de algum político do PDS não

Não dividam o Congresso das Mulheres Paulistas!

Prá ir neste Congresso, vou ter primeiro que fazer uma revolução em casa, fazer a cabeça do marido e dos filhos. Mas vou assim mesmo, porque quero discutir meus problemas". Esta declaração de uma dona-de-casa da Zona Sul de São Paulo poderia ser repetida por milhares de outras mulheres que, como ela, são discriminadas e oprimidas pelo simples fato de serem mulheres.

raças, partidos políticos, credos religiosos, movidas por um grande objetivo comum: libertar-se da opressão que sofrem há milhares de anos.

No entanto, todo esse potencial corre o risco de ir por água abaixo devido à divisão entre as entidades que estão preparando o Congresso. Pode ocorrer, concretamente, a realização de dois "Congressos da Mulher Paulista". O que equivale a dizer que nenhum deles teria autoridade para se intitular o congresso da mulher paulista.

É a união que faz a força dos movimentos democráticos e populares. E o movimento de mu-



Os preparativos do Congresso, apesar das brigas

lheres não escapa a esta regra. Só se poderá evitar essa divisão se as mulheres trabalhadoras, as mulheres simples do povo, descompromissadas com esta briga de bastidores fizerem ouvir sua voz. E advertirem as lideranças de todas as correntes: não dividam o Congresso da mulher paulista! (Olívia Rangel)

Arbítrio contra a "Tribuna"

Solânea, PB — No dia 27 de janeiro a Tribuna Operária sofreu uma agressão policial. Realizava-se naquela cidade a II Semana Universitária com debates e promoções culturais. Foi então que o 2º tenente da PM, Givanildo Fernandes da Silva, mais dois soldados, apreenderam exemplares do nº 30 da Tribuna e um publicação poética sob alegação de que eram "materiais subversivos e de procedência ignorada". Para completar, prenderam o estudante que vendia as publicações. O diretor de Cultura do DCE da Universidade da Paraíba que presenciou o acontecido, fotografando a ação dos policiais, teve sua máquina arrebentada.

Os presentes, revoltados, ficaram em frente da delegacia exigindo a libertação do estudante. A arbitrariedade da polícia teve repercussão nos meios democráticos e populares. A sucursal da TO em João Pessoa e o DCE receberam a solidariedade de diversas entidades. (do Correspondente)



Encontro de Saúde

Fortaleza, CE — Entre 29 de janeiro e 1º de fevereiro realizou-se na cidade o I Encontro Estadual de Saúde Comunitária do Ceará, com cerca de 70 representantes de vários municípios. No encerramento foram tiradas propostas de lutas que ajudarão a impulsionar o movimento de saúde como realizar novos encontros, tomar providências com a venda de alimentos estragados, exigir o apoio de Arquidiocese de Fortaleza e exigir verbas do governo para garantir a saúde de todos. (da Sucursal)

Direitos Humanos

Maceió, AL — A solenidade de posse da nova diretoria eleita da Sociedade Alagoana de Defesa dos Direitos Humanos foi realizada no dia 23 de janeiro, com a presença de mais de 200 pessoas, além de personalidades representativas de amplos setores democráticos e populares de diversos estados. Entre os presentes, destacavam-se o senador Teotônio Vilela, do PMDB; a deputada cearense Maria Luiza Fontenele; do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh do CBA de São Paulo, Paulo Fonteles, presidente da Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos do Pará, Joviniano Neto, presidente do CBA da Bahia, o deputado Renan Calheiros, do PMDB e Rogério Lustosa, diretor da Tribuna Operária. O advogado José Messias foi escolhido como novo presidente da entidade. (da Sucursal)

Cultura Operária

Santo André, SP — Dia 31 de janeiro foi lançado oficialmente o Centro de Cultura Operária. Cerca de 150 pessoas compareceram ao lançamento. Também estiveram presentes o líder ferroviário José Duarte, o presidente do Sindicato dos Petroleiros de Mauá, o presidente da Federação das Associações de Bairro de Santo André, do Movimento de Renovação Sindical dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul e da Frente Nacional do Trabalho. O COO tem sua nova sede à rua Abílio Soares, 426, próximo à rua Coronel Francisco Amaro. Seu presidente eleito é o metalúrgico Adonis Bernardes. (do Correspondente)

Direito de voto

Brasília, DF — O Comitê pelo Voto no Distrito Federal está convocando todo o povo brasileiro para comparecer ao Congresso Nacional dia 5 de março próximo, quando serão votados dois projetos concedendo representação política para Brasília. Neste sentido estão sendo programados comícios nas cidades satélites em fevereiro. (do Correspondente)

Protesto

Brasília, DF — Dando continuidade ao movimento contra o aumento das tarifas dos transportes coletivos realizou-se no dia 6 entre o Setor Comercial Sul e o Conic Center uma concentração de protesto com a assistência de cerca de 500 populares. Após o comício, os presentes realizaram uma passeata até a rodoviária. Estiveram presentes à manifestação representantes dos bancários, da Frente sindical, da Associação dos Moradores da Vila Metropolitana, do Movimento Contra a Carestia, do DCE da Universidade de Brasília e de partidos de oposição. (do Correspondente)

Nova sucursal

Maceió, AL — Com a presença de cerca de 60 pessoas, entre trabalhadores, estudantes e representantes do interior, foi realizada no dia 24 a inauguração da sede da sucursal da Tribuna Operária. Participaram Rogério Lustosa, pelo Conselho de Direção do jornal, um representante da sucursal de Fortaleza e o representante do jornal em Alagoas, Ênio Lins de Oliveira.

Viração

Campinas, SP — Realizou-se nesta cidade, na semana passada, um importante seminário nacional reunindo estudantes da tendência Viração, eleita para a diretoria da União Nacional dos Estudantes. Cerca de 150 estudantes de quase todos os estados debateram a conjuntura nacional, a causa da emancipação da mulher, a obstrução do socialismo e outros temas. O encontro serviu ainda para unir os estudantes da tendência no encaminhamento de propostas de luta sugeridas pela UNE para este ano.

Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da 'propagação do socialismo científico no Brasil'

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 750,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agencia Jaceguai - conta nº 03154 São Paulo - Capital.

Atenção! Últimos exemplares à venda. Dê um livro de presente a seu amigo

Tribuna Operária

Journalista responsável: Pedro Oliveira. Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffly, Olívia Rangel, Dilair Aguiar. Federação: Rua Conselheiro Raimundo, 501, Bela Vista - São Paulo, capital - CEP 01325. Tel: 36-7531. Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa - CEP 20241. Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial - Contagem - CEP 30.000. Bahia: R. Padre Vieira, 5 - s/307 - Salvador - CEP 40.100. Pernambuco: R. 7 de Setembro, 42 - Flandr, s/707 - Boa Vista - Recife - CEP 50.000. Rio Grande do Sul: R. General Câmara, 92 - s/29, Centro - Porto Alegre - CEP 90.000. Ceará: R. do Rosario, 313 - s/206 - Fortaleza - CEP 70.000. Espírito Santo: Av. Jerônimo Monteiro, 352 - s/b Vitória - CEP 29.000. Alagoas: R. Fernandes de Barros, 43 - s/05 - Maceió - CEP 54.000. Goiás: Av. Goiás, 606 - 2º andar - s/2.005 - Centro - Goiânia - CEP 74.000. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorúés, rua Gastão da Cunha, 49, fone: 531-8900 - SP.

O imperialismo e a revolução

Importante livro de Enver Hodja sobre a realidade mundial numa visão marxista-leninista. Poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra

Nome:
Endereço:
Bairro: Estado:
Cidade: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque nº no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, nº 44, sala 206, SP - CEP 01033

Criminoso é o governo da opressão

Não são só os líderes metalúrgicos do ABC que estão na alça de mira do regime. As leis de arbítrio recaem sobre todos os democratas.

Uma onda de indignação percorre as fábricas, as escolas, as redações dos jornais. Nos bairros, nas ruas, cresce a solidariedade às vitimas do arbítrio do governo. As vozes de protesto se levantam fora de nossas fronteiras, em diversos países.

Principalmente com a atual subida vertiginosa dos preços e com os salários cada dia mais arrojados, ninguém aceita a tentativa de condenar os líderes sindicais do ABC pela Lei fascista de Segurança Nacional. Mais do que nunca, cresce a compreensão de que é essencial para os operários garantirem a liberdade e a autonomia de seus sindicatos. E que para se defenderem, precisam usar o legítimo direito da greve. Todo mundo sabe que no episódio da greve do ABC, quem deveria ir para o banco dos réus eram os patrões da Volkswagen e das outras multinacionais que exploram o povo, subornam autoridades, submetem o país a seus interesses de altos lucros, violam de fato a segurança nacional. Também os generais, que colocaram suas tropas para sufocar o movimento dos grevistas, que ordenaram as prisões ilegais e arbitrariedades contra operários e democratas, na opinião do povo mereciam ser condenados.

O DIREITO DE INFORMAR

Independente de eventuais divergências de opinião, todos os democratas defendem o direito dos jornalistas da **Hora do Povo** publicarem suas denúncias contra o regime militar. E todos consideram um absurdo processar o editor da **Folha de S. Paulo**, Boris Casoy, por divulgar as denúncias de um deputado. O próprio Boris nos disse que "como a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa é resquício do

autoritarismo que se pretende eradicar no Brasil". E mostrou que na esteira do processo movido contra ele, os próximos alvos seriam os jornais da imprensa alternativa.

É generalizado o protesto na imprensa, também contra o enquadramento dos três jornalistas de Belo Horizonte, que cumprindo seu dever elementar de informar, produziram um manifesto assinado pelo PC do Brasil no dia 7 de setembro. É sentimento geral que a atitude oposta, de omitir a verdade porque não era do agrado dos poderosos, é que seria condenável.

FLAGRANTES DO ARBÍTRIO

Estes atos de arbítrio se tornam ainda mais odiosos quanto vem à público o escândalo da corretora Tieppo e os nomes dos milionários envolvidos na negociata são protegidos pelo sigilo. Quando é descoberta mais uma casa de tortura e assassinato de presos políticos, em Petrópolis, mas os oficiais da alta patente responsáveis, continuam dirigindo os destinos do país. E mais, quando a pretexto de combater o crime, no Rio de Janeiro, é nomeado para a Secretaria de Segurança, o Coronel Nilton Cerqueira, acusado de ser torturador, e sabidamente responsável pelo assassinato de Carlos Lamarca.

A opinião pública exige o fim da Lei de Segurança Nacional e de todas as leis de arbítrio, o desmantelamento dos órgãos de tortura, e a convocação de uma Assembleia Constituinte, com liberdade para o povo. Só assim os trabalhadores deixarão a condição de vítimas da opressão abrindo caminho para ocuparem o lugar de vanguarda que lhes cabe na sociedade.

Os réus e os peões de São Bernardo acusam

A Tribuna ouviu em São Bernardo três operários envolvidos no processo e também a opinião da base



Wagner: Se alguma coisa tem que mudar é o regime militar

Wagner Lima Alves, membro do "Grupo dos 15" durante a greve, celebrou-se por seu discurso na véspera da volta ao trabalho. "Quando voltarem — recomendou — deixem o amor na porta da fábrica".

"A gente não pode chamar essa lei de Lei de Segurança Nacional e sim de Lei de Segurança das Multinacionais. Não existe nela nada que defenda a segurança nacional. A segurança está só na palavra. Ela protege os que foram guindados ao poder em 1964. Não pode haver segurança nacional se os trabalhadores estão oprimidos. Esta que aí está é a da burguesia, tanto nacional como estrangeira".

"A grande verdade é que pelo próprio caráter e a força de nossa greve, o governo e os patrões querem dar uma lição na gente. Mas, punidos ou não, a gente vai voltar. E vai fazer o mesmo que fizemos. Se alguma coisa tem que mudar, se alguma coisa está sobrando neste país, é o regime militar e a exploração do trabalhador".

"Antes de mais nada tem que se derrubar o regime que aí está. Leis reacionárias deixarão de existir quando a gente derrubar a ditadura e tiver um novo regime. Aos trabalhadores, o que interessa é o socialismo. Os trabalhadores devem lutar pela Constituinte. Nenhum trabalhador pode ser contra ela. Mas para nós ela deve ter alguns pressupostos. Não pode ser uma Constituinte com leis repressivas. E para nós ela não é um fim, é um meio de avançar."

Osmar Mendonça, o **Osmarzinho**, foi o último líder de São Bernardo a ser preso, no 41º dia da greve, num dramático episódio, dentro da Igreja Matriz, no meio de uma assembleia dos metalúrgicos.

"Na verdade, o grande processo é o direito dos trabalhadores lutarem, através de suas organizações de classe e políticas. O objetivo do governo é decepar a cabeça dos

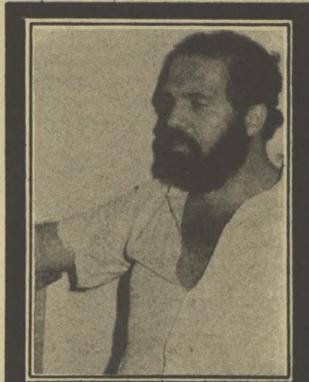
trabalhadores para impedir que eles realizem seus interesses. Por isso ele ataca".

"Eu acho que a luta democrática dos trabalhadores tem necessariamente que passar pelo fim da Lei de Segurança Nacional, da Lei de Imprensa, da Lei Antigreve. Acho que é justa a luta contra essas leis, mas o fim delas, por si só, não resolve. Nós conseguimos a anistia, por exemplo, e não houve uma mudança de fundo. É necessário ligar cada luta dessas com o fim da ditadura. E a forma viável, prática, já colocada pelo movimento popular, é a luta pela Constituinte livre e democrática".

Gilson de Menezes é um dos diretores do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo que mantém hoje uma presença mais constante junto à categoria, sempre na porta das fábricas.

"Em primeiro lugar, essa Lei de Segurança Nacional, contra os trabalhadores, não deveria existir. Eu poderia até aceitar uma lei contra os corruptos, ou os que roubam as riquezas naturais do país. Aí seria uma Lei de Segurança Nacional. Mas nunca aceitarei uma lei contra os trabalhadores que lutam por dias melhores. E quando consultamos os trabalhadores, eles não aceitam nunca uma condenação. Dizem: "Não tem motivo, vocês não mataram, não roubaram!..."

"Eu acredito que pode haver uma boa mobilização nacional e que isso pode influir no julgamento. A campanha salarial, estamos levando como se não houvesse julgamento. Temos um compromisso de princípio com os que nos elegeram. Amanhecemos os dias nas portas de fábrica. Estamos fazendo tam-



Osmar: A forma de acabar a ditadura é a Constituinte



Gilson: Amanhecemos os dias nas portas das fábricas

bém reuniões por empresa. Na porta da Ford, recolhemos num dia e mais uma madrugada 87 mil cruzeiros para o Fundo de Greve. E a participação este ano está sendo até melhor em que outras campanhas.

A Mercedes até já anunciou uma antecipação salarial de 10%, o que mostra uma preocupação dos patrões".

A **Tribuna** conversou também com gente da base metalúrgica de São Bernardo, da Mercedes, da Ford. A opinião é unânime: "A Lei em si é uma cachorrada", diz um operário, jovem ainda. "Devia haver lei é contra as multinacionais, os corruptos, o Maluf, por exemplo, e o Ludwig, da Jari", afirma outro. "Lei Suja e Nojenta" é a explicação de um terceiro para a sigla LSN. Um horista da Volkswagen explica como será a mobilização no dia 15: "Não precisa nem falar nada. A gente vai estar lá no dia do ato. E vai porque não existe lei neste país. Se condenarem, vai ser um motivo a mais para lutar. Mas agora a hora não é de falar, é de agir".

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Liberdade para fazer a revolução

O julgamento dos 13 líderes sindicais do ABC vem destacar ainda mais, para os operários com consciência de classe, a importância da luta pela liberdade política. Mostra à luz do dia que, na sociedade moderna, as armas da opressão e do fascismo existem sobretudo para ser usadas contra a classe operária. E que cabe exatamente a esta classe liderar todos os setores democráticos rumo à conquista de um Brasil livre.

ROMPER AS ALGEMAS

Uma classe acorrentada almeja antes de mais nada romper com suas algemas. Desde a sua primeira infância, a classe dos proletários aprendeu a valorizar a liberdade. Mais ainda na época atual, quando a classe dos capitalistas, como regra, deixou de lado até as normas democráticas burguesas que ela própria criou. E com maior razão no Brasil, onde os grupos mais poderosos da burguesia, junto com o capital estrangeiro e os senhores de terras, sempre apelaram para os regimes autoritários, as ditaduras militares e fascistas. Justamente por nunca ter desfrutado de liberdade, a não ser em termos relativos e durante curtos períodos, a classe operária brasileira dá um apreço todo especial à luta para conquistá-la.

Os operários não estão sózinhos neste combate. Lutam ao lado de todo o povo oprimido, e até mesmo de uma parte da burguesia, que conserva sentimentos democráticos. Porém cada um desses setores sociais interpreta a luta pela liberdade à sua moda.

LIBERDADE PARA QUE

A parcela democrata da burguesia deseja a liberdade política para poder disputar em condições mais favoráveis o poder que está monopolizado pela reação. Mas, ao mesmo tempo, teme que as classes exploradas façam uso

da liberdade à sua maneira, para promover as transformações de fundo que o progresso social exige. Por isso, o democratismo burguês é limitado, mais formal do que real. Levanta, por exemplo, a luta pela Assembleia Constituinte, mas não insiste nas condições para que ela seja livre e soberana. É também um democratismo acovardado, que tende para a conciliação e a capitulação diante das forças reacionárias, como aconteceu com Getúlio Vargas, em 1954, e João Goulart, em 1964.

Já os operários querem a liberdade precisamente para levar adiante e até o fim a luta pela sua emancipação social. Precisam dela para se organizar melhor, não só nos sindicatos, mas também no seu partido de vanguarda, comunista, marxista-leninista; para desenvolver a sua unidade de classe; para congregar em torno de si as amplas massas do povo trabalhador; para pôr abaixo o poder político das classes exploradoras e estabelecer no seu lugar o poder das classes trabalhadoras. Numa palavra, a classe operária quer ter liberdade para fazer a revolução e construir um Brasil socialista.

LIBERDADE E REVOLUÇÃO

Por isto o democratismo operário é radical. É o mais vibrante na denúncia dos atentados à liberdade, das práticas e das leis fascistas. É o mais avançado na proposta de soluções para a atual crise política brasileira, ao lutar por uma Assembleia Constituinte livre e soberana, convocada por um governo democrático e de unidade popular. Não é o democratismo adocicado e morno dos burgueses liberais. É a grande bandeira de luta dos que não têm nada a perder e têm o mundo a ganhar. É o democratismo de uma classe que, se não for revolucionária, nada será.

PROGRAMA DA OPOSIÇÃO

Só em profundidade resolve-se a crise

Adiantando-se ao debate dentro do PMDB, o seu presidente, deputado Ulysses Guimarães apresentou à nação um documento com o que chama de "alternativas válidas para superar a crise econômica".

A posição de Ulysses tem aspectos positivos. "Consideramos fundamental, antes de tudo — diz ele — destacar que a solução da crise econômica requer a democracia". Faz suas propostas para "um governo legítimo e democrático". Falando do regime atual, declara que "não nos aproveitamos sermos beneficiários dessa carne", e que a democracia "só será reimplantada no Brasil a partir de uma Constituinte".

Neste sentido, Ulysses Guimarães, um liberal, mostra-se mais avançado do que Giocondo Dias, Hércules Correia, José Sales e companhia, que se dizem comunistas mas andam assanhadíssimos para apertar a "mão estendida" do general Figueiredo.

CIRURGIA DE URGÊNCIA

Ulysses critica "o descaso governamental pela agricultura", a linha de encarecimento das importações, o "endividamento externo irresponsável", os truques e contradições de Delfim Netto. Ou seja, critica uma série de problemas reais. Mas além desses problemas, que afloram na superfície, é preciso ir ao fundo da crise brasileira. O povo enxerga cada dia melhor que este doente que é a nossa nação precisa de uma cirurgia de urgência, e não de simples aspirinas. Por isso, as bandeiras econômicas da oposição, para serem eficazes, e de apelo popular, precisam ter a profundidade que a situação exige.



Ulysses: mais avançado que o PCB...

Ora, o diagnóstico da atual crise já é conhecido. Em primeiro lugar, ela faz parte da **crise econômica mundial** que atormenta todos os países capitalistas, e sem exceção. Em segundo lugar, ela é particularmente séria, porque o Brasil é um país capitalista dependente com uma enorme conta de 60 bilhões de dólares pendurada nos bancos internacionais e as multinacionais espoliando diretamente nossas riquezas e nossa mão-de-obra barata. E o regime militar é culpado pela crise exatamente porque defende e incentiva este modelo.

Ulysses aponta várias consequências disso, mas seria interessante ir às causas. A crítica ficou no varejo, mas esqueceu o atacado.

A PLATAFORMA DO POVO

A situação exige que se vá até as últimas consequências na crítica do modelo de desenvolvimento capitalista dependente que infelicitou o trabalhador brasileiro. Isso é tarefa que interessa fundamentalmente ao movimento popular e operário. No próprio PMDB, setores expressivos defendem uma saída de tipo popular para a crise econômica: combate à exploração multinacional e à recolonização do país pelos bancos estrangeiros; reforma agrária que entregue os latifúndios aos camponeses sem terra; medidas para livrar o Brasil das engrenagens do sistema capitalista mundial em crise. Considerando isso e a própria gravidade da crise, é de se esperar que o debate sobre o assunto dentro do PMDB esteja apenas se abrindo, podendo ser ainda enriquecido por outras contribuições.

(Bernardo Joffily)



Muito camponês pegou em armas

Quando a caravana dos familiares dos mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia chegou à região dos Caianos, no povoado de Boa Vista do Pará, fundado pelo dirigente guerrilheiro Paulo Rodrigues, centenas de camponeses fizeram uma verdadeira festa de confraternização. Muitos andaram horas para abraçar os caravaneiros.

Nessa região a Guerrilha teve menor densidade política e militar. Muito cedo, o Destacamento C, dos Caianos, deslocou-se para a região da Gameleira e Faveira.

Mesmo assim, setores expressivos da massa apoiaram os guerrilheiros. Com certo exagero, uma importante liderança camponesa da região afirma: "Aqui, onde eles apareceram tiveram de comer. Cem por cento dos moradores apoiavam eles. Agora, o povo não participou da guerra. Foi mais no sentido da alimentação". Não foram poucos os lavradores que mostraram à caravana onde escondiam, na mata, a comida para os guerrilheiros.

NA FAVEIRA E GAMELEIRA

Já na Gameleira e principalmente na Faveira a participação do povo na Guerrilha parece ter sido muito alta. Nessas regiões, desde que começou o confronto, a Guerrilha organizou a União pela Liberdade e Direitos do Povo — ULDP — entidade política de massas, em cima de um programa democrático e popular, de 27 pontos, pacientemente elaborado.

Angelo Arroyo, um dos líderes da luta, diz em seu **Diário da Guerrilha** que com as principais vitórias mais de 20 núcleos da ULDP se organizaram. Fernando Portela, em suas célebres reportagens, menciona a adesão das massas camponesas a essa entidade. Ao que tudo indica, centenas de moradores de fato se agruparam na ULDP, apoiando e participando da guerra, tanto com apoio logístico como diretamente mesmo.

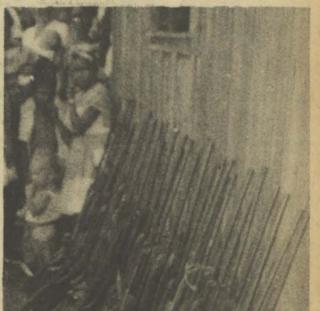
"MUITA GENTE COM ELES"

O mesmo Fernando Portela diz que no final de 1972 as Forças Guerrilheiras do Araguaia já possuíam cerca de cem membros. Isto é, pelo menos 30 moradores já teriam se integrado a elas. O **Diário de Arroyo** levanta que no final de 1973 cerca de 40 lavradores estavam prontos a se integrar na Guerrilha.

Os dados obtidos com a caravana apontam na mesma direção. Dona Maria, da Metade, foi conclusiva: "Tinha muita gente com eles. Só se você visse... Tanto que quando o Exército veio pela primeira vez, e era só gente nova, soldadinho, eles mataram muito. Quase que acabavam com os soldados. Gostavam de matar aqueles que tinham grau".

Dona Lindaura Vilarense depôs: "Quando o Exército soube, o pessoal já acompanhava eles". E vários depoimentos mencionam lavradores que participaram e morreram na Guerrilha: Luizinho, Alfredo, Pretinho, o Filho de Dona Joana, Zezinho, Amadeu e outros.

(Paulo Fonteles)



Armas de posseiros do Araguaia

Vitória arrasadora em Osasco

As eleições de Osasco deram vitória para a Chapa 1, encabeçada por Antonio Toschi, como já era esperado. A chapa ficou com 6.124 votos, enquanto a 2 ficou com 3.952. Isto no segundo escrutínio. No primeiro a diferença foi menor, de 1.550 votos. Agora haverá uma "festa de arromba" e depois começará o trabalho nas portas de fábrica e de fortalecimento do sindicato.

"Agora nós vamos fazer daquela subside de Taboão da Serra uma verdadeira casa do trabalhador. Vai ter reunião todo dia", afirmou alegre Valmir Bandeira, o Caburé João Tonhão disse: "Agora a Braseixos vai ter dor de cabeça. Eu tenho 3 anos de estabilidade para lutar dentro da fábrica junto com os companheiros." Maria do Socorro, bastante confiante, lembrou: "Destá vez só tem uma mulher na



L.C. Leite



GREVE NUMA METALÚRGICA DE SÃO PAULO

Piratininga quer sugar operários

Sexta-feira, 21 de janeiro. O pessoal da Máquinas Piratininga da Via Anchieta, estava trabalhando com muita raiva. Os 400 operários ainda não tinham recebido a segunda parcela do 13º salário. O Dr. Sérgio Alonso chegou na estampanaria e com cara muito azeda, reuniu o pessoal. Tinha mais de 100 pessoas e o engenheiro falou: "Ninguém da firma está querendo assumir a responsabilidade. Corto o saco se o pagamento sair na primeira quinzena de fevereiro."

Nestor, operador de máquina é quem conta o caso:

Quando o Dr. Sérgio nos avisou que o pagamento não ia sair, ficamos bravos mesmo. O "Padeiro", um funileiro muito popular, perguntou para o engenheiro: Como é que a gente vai trabalhar se a gente ficar sem receber? Ai o pessoal paralisou quase toda a fábrica.

A diretoria e os puxa-sacos tudo fizeram para acabar com a greve. Chamaram a polícia. Fizem ameaças. Seu Antonio "Canarinho", um dos chefes mais odiados, chegou a oferecer dinheiro emprestado "por fora" para o "Espanhol"

prensista e para o operador "Burro Preto". Os dois aceitaram seis mil cruzeiros, foram lá e ligaram as máquinas para dar impressão de trabalho. Disseram que nunca mais vão devolver o dinheiro. Até hoje o pessoal não conversa mais com eles. O "Carijó", outro puxa-saco e dedo-duro, já não fica sossegado. Estava encarando o pessoal e levou um saco plástico de água nas costas.

Muitos trabalhadores foram demitidos na empresa. Mais de 30 dessa vez. Tem gente que foi mandada embora há três meses e não recebeu nada. Eu fui perseguido pelo Estácio, chefe da estampanaria e fui demitido. Não queria fazer muita hora extra. Até agora não recebi nada. O Antonio, maçariquero, deu 70 mil de entrada num apartamento e ia pagar 10 mil por mes. Foi demitido. Perdeu tudo.

Fizemos reuniões com mais de sessenta pessoas. Fomos no sindicato. Agora a firma pagou uma parte e o pessoal voltou a trabalhar. Quem foi despedido está sem emprego e sem dinheiro. Assim não pode ficar.

ELEIÇÕES DOS COMERCIÁRIOS-BA

Chapa dos Chefões quer embromar comerciários

A campanha eleitoral para ver quem dirige o sindicato dos comerciários de Salvador, na Bahia, começou a esquentar. Dos 30 mil comerciários, 10 mil sindicalizados poderão ir as urnas nos dias 13, 14 e 15 de abril. A oposição, chapa 2, saiu na frente realizando reuniões e distribuiu folhetos. Já o pelego Osvaldo Pereira, há 12 anos no trono, com medo da sua queda, está utilizando ilegalmente para sua campanha o aparelho do sindicato: gráfica, médicos e dinheiro. Numa clara prova de como defende os interesses patronais, Oliveira está convidando o detestado Murilo Macedo, ministro do capital, para inauguração da nova sede do sindicato.

CHAPA DOS CHEFÕES

Na distribuição dos boletins os membros e simpatizantes da chapa 2 têm notado uma grande receptividade dos comerciários. Oliveira explica o porquê: "É que a nossa chapa é composta por trabalhadores do balcão de lojas, escriturários e fiscais. Já a chapa 1 é formada pelos chefões das grandes empresas, como o Eliomar Ornelas, que é gerente administrativo da Mesbla".

Giovani Pitas e Marleide, membros da chapa, citam algumas preocupações da oposição: "sindicalização em massa para fortalecer o sindicato; volta da semana inglesa e pelo direito de greve"

(da Sucursal)

"COBRAR DA GENTE"

A alegria era grande na madrugada do dia 7, após o final da apuração dos votos.

Estas são algumas das declarações dadas por membros da chapa vitoriosa, ao final da apuração. Os resultados finais da eleição comprovaram que o trabalho organizado no interior das fábricas e a luta consequente no Sindicato garantem vitória eleitoral. A festiva propaganda feita pela chapa 2, principalmente pelos militantes do PT que prestaram total apoio a ela, chegou a assustar. Mas a falta de representatividade nas empresas e de trabalho sindical de vários membros da chapa fez com que a maioria dos eleitores não se iludisse.

Antonio Toschi, o presidente eleito, conchama os companheiros a participarem. Membros e simpatizantes da Chapa 1 comemoraram a vitória nas urnas.

ção dos votos. Mas logo todos se continham: "Esta foi a primeira batalha. A briga dura vem aí. Três anos para movimentar todos os metalúrgicos", comentava o veterano Papão que apoiou a chapa 1.

"A categoria tem o dever de cobrar da gente toda a nossa carta programa e a presença nossa nas fábricas. O sindicato vai estar de portas abertas para os operários participarem", sublinhou Toschi, o novo presidente. E mostrou que vê a entidade de classe como órgão de luta, de massas e democrático, concluindo: "Agora terminou chapa 1 e 2. Agora somos todos metalúrgicos e temos que nos organizar contra os nossos inimigos: o governo e os patrões."

COM PÉS E CABEÇA

A posse da nova diretoria será em meados de março e Toschi promete "uma festa de arromba para todos os operários". A partir daí começa a luta para construir um Sindicato forte. A principal preocupação é entrar nas fábricas: fazer assembleias de compensação no interior das empresas; estimular a participação nas CIPAS; e ir constantemente às portas das indústrias, com megafones e panfletos. "O objetivo é ter em todas as fábricas as comissões de fábrica, que caso não forem reconhecidas pelos patrões serão enrustidas mesmo", explicou Vicente Alexandria.

"Diz um ditado que o nosso sindicalismo não tem pé nem cabeça. Não tem pé já que é barrado na porta da fábrica e não tem cabeça porque ainda não possui sua Central Única dos Trabalhadores. Nós vamos lutar muito por estes objetivos", diz Clemente, novo tesoureiro.



O presidente da UNE, Aldo Rebelo, e da CPB, Hermes Zanetti.

RESULTADO DO CONGRESSO DOS PROFESSORES

Porta da CPB aberta para os professores

O XIV Congresso Nacional da Confederação dos Professores do Brasil, realizado na última semana de janeiro em Fortaleza (CE), conseguiu colocar abaixo a velha estrutura cupulista da entidade. Nas plenárias, os quase quatro mil delegados presentes foram pouco a pouco construindo a CPB em bases democráticas, que unificarão os professores da rede oficial do 1º e 2º nível nacional.

Antes, quem traçava os caminhos da CPB era uma pequena parcela de "delegados", sem nenhum respaldo da categoria e das entidades estaduais. Os congressos eram feitos de três em três anos e as eleições para a diretoria da entidade se davam a portas fechadas. Agora o Congresso é quem é soberano e se realizará de ano em ano. As entidades que tiverem mil associados terão direito a 40 delegados, as com dois mil profissionais terão 60 delegados, e assim por diante. As outras instâncias são, respectivamente: o conselho de entidades e a diretoria outra grande vitória do professorado: que escolherá a direção da CPB será o conjunto dos professores, em eleições diretas. Cinco dos oito diretores atuais já se pronunciaram a favor das novas eleições daqui a dez meses, enquanto os dois mais conservadores pretendem jogar o pleito para daqui a dois anos. Um, o vice-presidente da Sul, ainda não se decidiu. O próprio presidente, professor Hermes Zanetti, é a favor das eleições daqui a 10 meses.



Acima: Os metalúrgicos se dirigem à assembleia em passeata. Ao lado: a seta mostra um dos policiais que se infiltrou na assembleia e foi expulso.

OPERÁRIOS DOS ESTALEIROS DE NITERÓI-RJ

Campanha começou animada em 81

No dia 3 deste mês, 10 policiais armados de metralhadoras foram amedrontar 40 peões da ESIL que entraram em greve no Estaleiro Mauá. Esta empreiteira estava devendo o salário família e insalubridade.

Mesmo com a violência policial os operários não arredaram pé. Com a interferência do sindicato foi feito um acordo: ninguém seria dispensado por causa da greve,

receberiam um vale de imediato e na sexta-feira teriam o resto.

Também pararam em 22 de janeiro por direitos trabalhistas ganhos na Justiça. E agora já fizeram duas assembleias para receber horas extras de 78 e 79, que não foram pagas. "Com essas pequenas lutas" — disse um operário na assembleia dos metalúrgicos — "estamos aafiando nossas armas para a campanha salarial do mês de maio".

Os metalúrgicos do Rio vão para as assembleias sindicais em passeatas com faixas e cartazes. Numa das assembleias dois policiais foram descobertos. Os fotógrafos do TO pegaram o flagrante. Os policiais quiseram reagir mas tiveram que sair correndo dos operários enquanto o orador fazia a denúncia.

(da Sucursal)

Dia do Gráfico nasceu na greve



HISTÓRIA PROLETÁRIA

Negar ou omitir a tradição de luta da classe operária é traição. A categoria dos gráficos,

que através dos tempos deixou inúmeros exemplos de luta. Na jovem classe operária brasileira, foram os gráficos os primeiros a estourar uma greve organizada. No mundo inteiro eles sempre estiveram presentes nas grandes batalhas da classe. Basta lembrar que dos oito mártires de Chicago, no dia 1º de Maio de 1886, dois eram gráficos.

A GREVE QUE SE ESPALHOU

São Paulo, Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, Palace Teatro, dia 7 de fevereiro de 1923. Os gráficos dão início a uma das mais belas jornadas de luta da nossa história. Uma assembleia com a maioria esmagadora da categoria decide dar um grito de basta à exploração

patronal. O movimento se estendeu por 42 dias, apesar das várias prisões e espancamentos.

A solidariedade de outras categorias foi o que mais impressionou os que sempre quiseram espezinhar o trabalhador. Tecelões, Alfaiates, Garçons e a União dos Artífices em Calçados deram na hora o seu apoio.

O Partido Comunista do Brasil, recém fundado, testou ali a sua organização e penetração em São Paulo. Orientou os grevistas, contribuindo para formação de vários conselhos de empresa. A organização dos operários na empresa, fazendo dela uma trincheira de luta, demonstrou toda a sua eficiência, sendo logo adotada por outras categorias.

O PAPEL DE JOÃO PIMENTA

João da Costa Pimenta, Secretário

rio Geral da União dos Trabalhadores Gráficos, teve, junto com outros companheiros, um importantíssimo papel na greve, pela sua bravura e capacidade de organização.

Um ano antes ele fora um dos fundadores do PC do B. João Pimenta foi preso e transferido para o Rio de Janeiro, para dificultar o movimento grevista. Só que, com a organização dos conselhos de empresas — tática de ação do PC do B — a greve continuou.

Pela forte organização, participação de todos e combatividade, a greve foi vitoriosa. E o dia 7 de fevereiro, marco de luta, foi reconhecido mais tarde pela Federação Nacional dos Trabalhadores Gráficos como Dia Nacional da categoria. Jamais os inimigos da classe operária apagarão esta data da nossa história

(Sucursal do Rio de Janeiro)



Jogaram água fria

Eletricitários, SP — A campanha salarial dos eletricitários de São Paulo terminou com uma fraca assembleia no último dia 6, com a presença de menos de mil e quinhentos trabalhadores, metade dos que participaram da assembleia anterior. Este esvaziamento ocorreu devido a dois fatores: primeiro que a Light poucos dias antes pagou o salário já com o aumento do INPC. Mas o principal fator é que o presidente do sindicato, Antonio Magri, jogou o tempo todo água fria no ânimo da categoria.

O resultado da pequena pressão foi pequenas conquistas. Por exemplo: os eletricitários pediam 41 mil cruzeiros de gratificação de férias e o governo só concedeu 21 mil, escalonados. Além disto um outro ponto importante que não foi explicado nas assembleias em que só Magri falava: "Segundo o acordo estes 24 mil cruzeiros serão tirados da verba de promoções horizontais que seria dado até julho para 50% da categoria. Ou seja: a Light perdeu muito pouco, talvez até saiu ganhando", explica Hugo Peres, da Federação das Indústrias Urbanas.

Responder com luta

Bancários, CE — Dois dias depois das denúncias do sindicato sobre graves arbitrariedades cometidas pelo BRADESCO, a DRT mandou uma comissão de sindicância. Mas não foi para investigar o Banco e sim para atemorizar o Sindicato. Os bancários protestaram e sua resposta mais firme será dada no I Encontro Estadual dos Bancários Cearenses, dias 14 e 15 de fevereiro.

(da Sucursal)

Terrorismo policial

Zona da Mata, PE — José Laurentino da Silva, trabalhador rural do Engenho "Canoa Grande", foi barbaramente torturado na Delegacia de Rio Formoso. Conta Laurentino que o espancaram por cinco horas. Depois o soltaram, mas não sem o obrigar a saltar a cerca de arame sob disparos de revólver. Isso vem aumentando depois da greve" disse José Paulo Assis, presidente.

(da Sucursal)

SERINGUEIROS - ACRE

SERINGAL SEM PROTEÇÃO

Com a política aplicada no município de Rio Branco, pelo INCRA, os seringueiros que têm colocações de até 1000 hectares, terão que se transformar em colonos, com propriedades de 25 a 50 hectares.

Um seringueiro que ganha em média 10.000 cruzeiros por mês com a extração da borracha, terá que deixar sua colocação, para viver da agricultura de subsistência.

Ao mesmo tempo que o país continua importando borracha do exterior, prosseguem de forma assustadora as derrubadas de seringueiras. Só na região do Seringal Mercês, um dos mais produtivos, foram derrubadas este ano 8 colocações de seringa, num total aproximado de 2.000 seringueiras, pelos donos das Fazendas.

Se os seringueiros nativos do estado estão nessa situação, o que dizer do plantio racional de seringueiras? Seringueiros, seringalistas e fazendeiros, pelo menos nesse ponto, são unânimes em dizer: plantio racional de seringueira não dá certo. Um

seringueiro explica a situação: "Se a natureza gastou milhares de anos para colocar as seringueiras no lugar em que estão, certinhas dentro da mata, como é que nós vamos derrubar as árvores, para plantá-las de novo?" Muito mais econômico e produtivo seria impedir o desmatamento.

O seringueiro Raimundo fala bem claro: "O quilo da borracha está a 110 cruzeiros. Eu produzo 600 quilos por ano. Ganho 66.000 cruzeiros. O fazendeiro quer fazer pasto na minha colocação e me oferece 30.000 como indenização. Vai levar 10 anos para as seringueiras que eu plantar começar a produzir. Então eu quero 660.000 como indenização. Mas eu quero receber também o valor da terra. Minha colocação tem por baixo 500 hectares. Vale 2.000.000 de cruzeiros. então eu só entrego a minha colocação se ele me pagar 2.660.000.

A minha pobreza vale muito dinheiro e os fazendeiros, o INCRA e o governo tem que me pagar certo. Se não eu não saio da terra!"

(Do correspondente)

DIA 15 ELEIÇÕES EM IMPERATRIZ - MA

Eleições pro Sindicato de Imperatriz grilada!

Um dos primeiros presidentes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz, no Maranhão, foi o combativo João Palmeira. Ele foi abatido a tiros, covardemente, pelo pistoleiro, defensor dos grileiros, Pedro Ladeira. É neste mesmo Sindicato que ocorrerão eleições no dia 15 de fevereiro. E com todas as ameaças e o clima de guerra constante, os lavradores formaram uma chapa de oposição, a 2, demonstrando firmeza na luta em defesa da terra e do seu sindicato.

Quem encabeça a chapa é o conhecido João Batista Dias, delegado sindical de São Pedro D'Água Branca, que sente na carne a grilagem, praticada em seu povoado por Ararizon Mendonça. Ele sabe que para facilitar a união e a luta dos trabalhadores rurais é importante a reconquista do sindicato: "Atualmente dentro do sindicato tem

gente que não é lavrador, que está aí só para ludibriar o trabalhador".

Para dar maior respeito à entidade sindical a chapa 2 propõe a democratização do sindicato e o fortalecimento das atividades das 16 delegacias sindicais, além da criação de outras mais. "É preciso sair pelos povoados esclarecendo os companheiros o sentido da luta pela terra e organizando-os para conquistarmos a reforma agrária, previdência social e integração entre todos os sindicatos".

A maior dificuldade da chapa, por enquanto, é a financeira. Enquanto os imobilistas da atual diretoria têm o apoio dos grileiros e ricos, a oposição só tem apoio dos lavradores pobres. Por isso eles elaboraram um bonus pedindo ajuda financeira a todos.

(da Sucursal)



Vários lavradores discursaram no ato do dia 25.

MANIFESTAÇÃO EM NOVA JACUNDA - PA

400 posseiros gritam "Morte ao tubarão"

Em protesto ao assassinato de José Piau, lavrador combativo da Associação dos Trabalhadores Rurais Unidos de Nova Jacundá, no Pará, cerca de 400 pessoas, representando dezenas de povoados e diversas entidades democráticas do Estado, realizaram, dia 25, uma missa e ato público. No dia 2 de janeiro Zé Piau foi assassinado por dois pistoleiros a mando do grileiro e assassino Ozanir Silva, que se diz dono de seis glebas de terras entre os quilômetros 50 e 60 da Estrada PA 150, que liga Marabá a Belém. Esta ação criminosa gerou grande revolta.

MORTE AO TUBARÃO

Pela manhã do dia 25, seis caminhões partiram de Nova Jacundá, também conhecida por Arraias, no Km 80 do PA-150, em direção ao local do assassinato — Km 58 da mesma estrada. Os caminhões portavam faixas com dizeres de protesto e os participantes cantavam e gritavam palavras de ordem. Chegando ao local foi iniciada a missa, sendo lida uma carta do Bispo de Marabá, Dom Alano Pena, onde dizia: "Erguemos hoje, deste chão que só pode pertencer a quem nele quer trabalhar honestamente, para fazer prosperar sua família, um grito de dor".

Em seguida foi realizado o ato público, com vários pronunciamentos, a maioria de lavradores. Enquanto isto os presentes gritavam refrões como: "Zé Piau é nosso irmão, morte ao tubarão" e "A luta é necessária pela reforma agrária". Foram feitas inúmeras críticas a

péssima atuação do GETAT e da Polícia Militar ao longo daquela estrada.

ASSASSINO IMPUNE

Nesta região Zé Piau, desde 1976, vinha lutando com quase 100 famílias de posseiros contra Ozanir e seus pistoleiros. Por diversas vezes eles denunciaram a situação para o INCRA (agora na região o GETAT) e 52º Batalhão de Infantaria na Selva, mas os grileiros e pistoleiros continuaram impunes. Apesar de muitos dos posseiros já possuírem LO (Licença de Ocupação), expedida pelo INCRA, o grileiro quer ficar com seis glebas de terras, cercando esses posseiros.

Esse mesmo grileiro, com seus pistoleiros, em dezembro de 1979 baleou o posseiro Alcebiades, que hoje se encontra paralisado. E assassinou também, em março de 80, o posseiro Lourival Marques da Silva.

SOLIDARIEDADE

Várias entidades e personalidades, estiveram presentes ao ato do dia 25: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá, a Associação de Nova Jacundá, a Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, o deputado Ademir Martins, a CPT e dezenas de comunidades da região.

Zé Piau deixou sua companheira, Olerina Estevão Nascimento, cabixaba, 48 anos, 6 filhos menores (estando um deles ainda no ventre). Ela pensa vender seu lote e ir embora.

(Ademir Martins, Marabá, PA)



Concentração de posseiros em frente à sede do sindicato

TRABALHADORES RURAIS - MT

Posseiro morto e os criminosos impunes

Início deste ano, região dos Anaés: atacando em bandos como fazem os lobos, os fazendeiros Jerônimo Vieira, Jerônimo Candido da Silva e jagunços, contando com a cumplicidade da polícia de Nova Savantina, assassinaram de maneira covarde o posseiro Antonio Baiano. Antonio teve a coragem de defender a posse legítima de um pedaço de terra onde plantava arroz e milho para sobreviver.

Este crime é apenas um exemplo da situação que reina entre duas classes inimigas em Barra do Garças. A terra do boi gordo e do arroz. De um lado os grandes proprietários de terras que têm o apoio do INCRA, da polícia e do governador do Estado; de outro lado os

pequenos proprietários e os posseiros que tudo fazem e nada têm. Os índios também têm a sua terra invadida e a FUNAI, ao invés de protegê-los, dá cobertura aos grileiros. A força dos latifundiários é tanta que compraram, como quem compra porcos, todos os vereadores do PMDB local que

passaram para o PDS, com exceção do vereador José Arimatéia.

Ainda em dezembro do ano passado, 210 posseiros fizeram uma assembleia, seguida de passeata, exigindo segurança de vida e preços justos para que pudessem comprar as terras. Trinta dias depois se dá o assassinato de Antonio Baiano. Os responsáveis pelo crime, além de estarem circulando livremente, ameaçaram de morte o secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Lázaro Fernandes. Esse episódio deixou claro aos posseiros que para conseguirem resolver seus problemas terão que passar por cima do cadáver de muito fazendeiro e jagunço.

(do Correspondente)



Posseiros quando apresentavam suas reivindicações.

INTERNACIONAL



INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL

DESEMPREGO MUNDIAL

Nunca houve tantos desempregados!

O desemprego está assumindo proporções sem precedentes em todo o mundo, dominado pelo capital. Nos países do Mercado Comum Europeu (MCE), ele atingiu seu total mais elevado desde a crise da década de 30: 17,4% da força de trabalho está desempregada. Na Inglaterra, cerca de três milhões de trabalhadores estão desempregados. Nos Estados Unidos, há hoje mais de oito milhões sem trabalho.

Ainda agora, nos Estados Unidos, 43.500 operários foram demitidos somente na indústria automobilística. A Ford, a Chrysler e a General Motors foram as responsáveis, que estão entre os maiores monopólios do mundo, mas, com os pátios cheios de carros, sofrem desse mal periódico do capitalismo que é a superprodução. E os operários, postos no olho da rua, são punidos assim pelo crime de haverem produzido riquezas "demais", que a sociedade baseada no capital e no trabalho assalariado não consegue absorver.

PROBLEMA INSOLÚVEL

As perspectivas, segundo advertem vários organismos internacionais, são ainda mais tenebrosas. Apesar das promessas em contrário dos governos, a crise econômica mundial colocará na rua novas legiões de trabalhadores, pois o problema do desemprego é inevitável dentro do sistema capitalista.

Entre outros fatores, ele é resultado da superexploração dos trabalhadores pelo capital, a qual, junto ao avanço tecnológico, leva periodicamente à "superprodução".



Pátios cheios significam desemprego em massa

Quebra-se, assim, o equilíbrio entre produção e consumo. As empresas reduzem sua produção, para que não haja queda nos preços e igualmente nos seus lucros; e para isso recorrem ao desemprego em massa.

Mas esta situação, que se repete de forma cíclica e cada vez mais profunda, agrava ainda mais as contradições entre os trabalhadores e o capitalismo. Em janeiro, a Inglaterra foi abalada por gigantescas greves, a partir de uma paralisação dos portuários, no maior movimento grevista desde 1966. Os trabalhadores da British Steel Corp. cruzaram os braços e fizeram manifestações contra o plano de demissão de oito mil trabalhadores, o mesmo se repetindo nos Estados Unidos e outros países. Essas greves e mobilizações, quando levadas com firmeza e disposição de luta, têm dado bons resultados: basta recordar a greve dos trabalhadores da Fiat italiana, no ano passado, que impediu a empresa de executar seus planos de demitir seis mil operários.

INTERVENÇÃO NORTE-AMERICANA NA AMÉRICA CENTRAL

Tirem as patas de El Salvador

Em recente entrevista, o novo secretário de Estado norte-americano, general Alexander Haig, foi perguntado se os Estados Unidos poderiam suspender a ajuda à homicida junta militar de El Salvador. Haig respondeu: "o mais provável é que ocorra justamente o contrário".

A declaração desse general reacionário, responsável pelos bombardeios indiscriminados da população do Vietnã e Camboja, revela de forma cristalina a política externa do governo Ronald Reagan. É a política da intervenção militar, do apoio aos regimes mais sanguinários, do massacre dos povos empenhados na luta pela independência nacional e na revolução.

Nos Estados Unidos, o governo Reagan iniciou uma gigantesca campanha publicitária, acusando os guerrilheiros salvadoreños de serem armados pelo bloco soviético, de terem a ajuda de tropas de Cuba e Nicarágua. Essa campanha hipócrita se destina a justificar os planos intervencionistas de Washington em El Salvador e também na Nicarágua e criar uma histeria direitista entre os norte-americanos.

LÓGICA REACIONÁRIA

Os planos de Reagan, que pretende "mais 50 anos de conservadorismo no mundo" — como os "mil anos de império nazista" de Adolf Hitler — obedecem à lógica dos reacionários.

Para ele, é a luta popular que determina a intervenção, e acredita dessa forma que pode eliminar o sentimento dos povos pela independência nacional intervindo ainda mais.

Desde o século passado os Estados Unidos vêm pondo em prática essa política, mas até hoje não conseguiram destruir a revolução. Como Reagan, outros presidentes dos Estados Unidos fizeram as mesmas ameaças, atacando outros povos e cometendo atos de barbarismo. No entanto, os Estados Unidos atravessam hoje sua maior crise desde a década de 30, tendo



Bombardeiro americano, usado no Vietnã: Reagan pensa em repetir a dose em El Salvador.

como uma das causas principais justamente as vitórias dos povos contra suas intervenções.

Essas derrotas do imperialismo, entretanto, não significam que seria pequeno o peso de uma intervenção norte-americana e das dificuldades que ela acarretará ao povo salvadoreño, assim como a qualquer outro povo que siga o caminho da revolução. A invasão do Vietnã pelos EUA prolongou a luta pela libertação desse país, causando mais centenas de milhares de mortos e maiores sofrimentos à população.

CONTRA A INTERVENÇÃO

Em muitos países, inclusive o Brasil, os povos se pronunciam firmemente contra a intervenção militar em El Salvador, seja pelos Estados Unidos ou por ditaduras aliadas. O governo Reagan não reluta em transformar El Salvador em um cemitério, se preciso for, para conter o avanço revolucionário. Isso realça a importância de a solidariedade ao povo de El Salvador ser um exemplo de apoio internacionalista e de luta contra o imperialismo e a reação.

(Dilair Aguiar)

URSS liquida recursos

Moscou — O vice-ministro do Comércio Exterior soviético, Sushkov, realizou recentemente uma visita a Tóquio. Finalidade: atrair investimentos dos monopólios japoneses para a exploração do carvão, petróleo e gás natural. Os investimentos serão pagos com os recursos naturais soviéticos. Sushkov também negociou um crédito de três bilhões de dólares para a construção de um gasoduto, que já conta com 5,3 bilhões de 20 bancos da Alemanha Ocidental. Será que é assim que se constrói o socialismo?

Dia da Mulher na Albânia

Tirana — O conselho geral da União das Mulheres Albanesas iniciou os preparativos para o 8 de março, Dia Internacional da Mulher, com um documento onde ressalta a importância da participação feminina na construção do socialismo no país. O texto também manifesta a solidariedade da mulher albanesa com os povos e as mulheres de todo o mundo que combatem pela libertação nacional e social, pela democracia e pelo socialismo.

Centurion está vivo

Caracas — O líder camponês paraguaio Vito Centurión, dado por morto em um choque com o exército, há dez meses, conseguiu escapar e está refugiado na Venezuela. Centurión e outros camponeses embrenharam-se nas selvas de Caaguazu depois do tiroteio, sendo caçados por milhares de soldados. O líder camponês expressou apoio ao Acordo Nacional, frente de oposição à ditadura de Stroessner.

Os lucros da crise

Washington — Os monopólios petrolíferos nunca prosperaram tanto como nestes tempos de crise de energia. No primeiro semestre de 1980, em comparação ao mesmo período de 1979, os sete maiores monopólios mundiais de petróleo, as "7 irmãs", tiveram seus lucros líquidos aumentados em 50% num período em que o volume das suas vendas praticamente não se alterou.

CDM

Contra os assassinatos praticados pela Junta de governo de El Salvador. Contra a violação dos direitos humanos. Pelo direito do povo salvadoreño libertar seu país da miséria, da fome e da exploração. Pela luta dos povos da América Latina! Ato Público de Solidariedade: dia 24 de fevereiro, às 20 horas, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, rua Rego Freitas, 530/sobrelaje, Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Povos da América Latina (CBSP)



Fala o Povo tem recebido um número cada vez maior de cartas. Voltamos a pedir a nossos leitores que escrevam curto e grosso para que todos possam dar o seu recado e ter um cantinho em nossa seção. Por motivo do 8 de março voltamos a conchamar as mulheres para escreverem para o nosso jornal, dando suas opiniões sobre os preparativos para o Dia Internacional da Mulher e sobre os problemas que afligem as massas femininas. Escrevam, companheiras! Somos muitas, somos milhões e precisamos nos organizar para reforçar a luta de nossos companheiros por um mundo melhor. Precisamos também conquistar nossos direitos para assumirmos o papel que nos cabe nesta nova sociedade que desejamos construir.

(Olívia Rangel)

OPERÁRIO DA RENAVE - RJ

Quem manda é o trio repressivo

Como este jornal é o jornal da classe operária e vem demonstrando isso publicando as nossas broncas do dia-a-dia com os patrões como leitor e operário quero fazer minha queixa contra o que eu chamo de trio repressivo aqui na Empresa Brasileira de Reparos Navais (Renave).

Aqui tem um departamento que tem o nome de PSD cujo chefe é um tal de Délio, vulgo "Mão Branca". Dizem que ele é militar e se for não está fugindo à regra: é mais um corrupto porque é dono de uma agência de carros e ainda ganha uma fábula para ficar atrapalhando quem trabalha aqui. O outro é o sr. Almeida, que é técnico de produção e está correndo atrás de uma promoção de supervisor. Além dele é o famigerado puxa-saco safado mestre de carpintaria Armindo que ainda é auxiliado pelo puxa-saco e dedo-duro Levi.

Esta corja vive ameaçando os peões até de demissão se eles se recusam a fazer horas extras, inventam regulamentos absurdos que prejudicam os operários tal como o que se o operário tiver que sair cedo para resolver qualquer problema urgente ele recebe uma punição baseada num código de anormali-

dades de frequência da empresa.

O tal de Armindo é um espanhol que pelo que parece foi expulso da terra dele. Prá início de conversa, não entende nada de carpintaria. Conseguiu chegar a mestre bajulando os patrões e entregando os outros companheiros, fazendo o fofocas e humilhando os mais novos na firma. Os tais de Décio e Almeida sabem perfeitamente que ele é incompetente mas o defendem por ser ele o fiel executor da política de intimidação e dedo-durango junto com Levi.

Esse Armindo, acobertado pelo "Mão Branca" Almeida e seus cupinças, está ganhando um bom dinheiro roubando um galão de tinta por semana da Renave. Ele sempre obriga um peão a vir fazer serão no fim da semana e se escala para poder pescar o dia todo ganhando horas extras a 100% como se estivesse trabalhando. Dizem que é proibido ter bebida alcoólica no local de trabalho. Mas se quiserem tomar um uísque ou uma cachacha da boa de vez em quando ele tem num armário bem colocado ali mesmo na seção.

(Um operário da Renave Niterói, RJ)

PROFESSOR DEMITIDO - SP

Novos patrões tentam atemorizar professores

Aqui vai uma denúncia como mais uma prova das inúmeras arbitrariedades cometidas contra professores por estes "tubarões do ensino", os donos de cursinhos e supletivos.

O Colégio Preciso - SP, capital, foi vendido no final do ano letivo passado. O corpo docente, na sua maioria estável no estabelecimento, foi pego de surpresa, pois numa certa reunião lhe foi informado a venda do colégio, juntamente com a apresentação da nova diretoria aos professores. Esta se negou a qualquer tipo de contato com os professores, inclusive não quis fazer uma reunião quando, no pagamento do 13º salário, verificou-se a sua irregularidade conforme os termos da lei.

Como foi reivindicada a sua correção, os patrões não tiveram escrúpulos.

Demissão de 4 professores e mais — qualquer outro professor que fizesse o mesmo a instrução é uma só: rua!

Fica claro, pois, que estas demissões 'no escuro', pois os novos patrões não conheciam a se negavam a conhecer o corpo docente do colégio, têm um objetivo evidente: atemorizar os demais. Haja visto o agravamento da crise econômica e as dificuldades atuais do mercado de aulas, que naturalmente favorecem os patrões: grande reserva de mão-de-obra desempregada e redução dos salários.

Que esta denúncia chame a atenção dos leitores deste combativo jornal que nos fornece importantes subsídios para o nosso trabalho diário com os alunos.

(Um dos professores demitidos São Paulo, SP)

SERINGUEIROS - AM

O seringueiro é um bravo

O seringueiro sempre foi um homem sofrido e destemido, enfrentando perigo que lhe é comum, imposto pelo próprio trabalho. Mergulhado no seio da selva, esse bravo ser humano depara-se com uma situação que só uma pessoa de sua coragem é capaz de suplantar. Pobreza é seu mundo, não por falta de labor, mas pelo estilo de vida rudimentar que leva. A profissão de seringueiro está entre as mais difíceis. Tudo que produz é pouco para suprir suas necessidades.

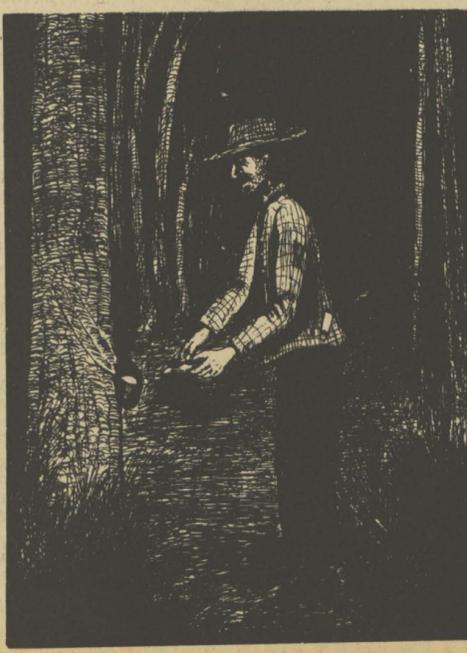
Seu horários de partida para golpear as seringueiras fica entre duas às cinco horas da manhã, levando consigo todo utensílio de sangria e viveres para seu sustento. Caminha com objetivo de extrair o leite (látex) das seringas, subindo e descendo jiraus de seis a oito metros de altura. Chega ao fecho (bifurcação) da estrada, onde come um pouco do que deixou, e continua o trabalho, ouvindo ruído de quanto inseto há, piado de gogó-de-sola, uivo de onça e outros animais selvagens. Cobra por diversas vezes fica atravessada no meio da estrada, a investida dessa fera se dá pelo reflexo da luz de poronga.

Desolado esse trabalhador luta por um mundo que não é seu. Há propaganda que traça um perfil todo especial a respeito do seringueiro, que nem de longe retrata a realidade. Difícil é o

seringueiro que não possui uma família de doze a mais filhos, todos mal alimentados e maltrapilhos. Essa é a pura e franca realidade desse trabalhador brasileiro.

Em muitas ocasiões essas famílias de filhos já adultos e sem escolaridade procuram os "grandes centros". Dado o despreparo vão cair muitas vezes, naturalmente, num submundo da marginalidade e promiscuidade. Constantemente encontramos seringueiros com trinta a quarenta anos de atividades na seringa, já decrepito, sem poder sequer aposentava-se por falta de documentos.

(JTNS - do Núcleo da TO em Boca do Acre, AM)



EX-METALURGICO - SP

Grandes é que causam problemas

Eu saí da Volks na primeira turma do dia 19 de dezembro. E eu calculo que umas 2 mil pessoas foram demitidas. Quando eu trabalhava tinha négo pra mais de metro, agora tem bem pouquinho: só que da Volks a cada cinco minutos sai um carro, são uns 380 carros que saem por dia. E onde eles fabricam muito é onde mais exploram o operário e não ligam pra ele. Eles pensam que o mundo vai acabar hoje e um operário faz o serviço de três. Por isso que lá tinha tantos acidentes de trabalho.

Eu penso que as indústrias automobilísticas são as primeiras a mandar gente embora, mas logo depois vem o resto das firmas demitindo. Tudo por causa da crise. Prá eles é melhor mandar embora. Eles estocam a produção, aumentam os preços e a gente só passa fome. Esses grandes perderam mesmo a vergonha.

É não é só o desemprego. A situação financeira da gente também não está boa. Há algum tempo atrás dava prá comer fubá, agora não dá não. O fubá está a 40 cruzeiros o quilo, a mandioca a 60 cruzeiros o quilo. Quem ganha pouco não dá pra comprar nem do ruim. Por causa do álcool a mandioca subiu, a açúcar subiu. Não tenho carro mas queimo açúcar.

Se a gente não tomar providências a turma vai morrendo aos poucos. A turma ou vai morrendo ou vai se revoltar. Morrem alguns mas pelo menos tira os homens de lá. Eu queria ter uma força prá bater nos grandes, que são os causadores dos problemas.

(Ex-metalúrgico da Volks de Taubaté, hoje vendedor ambulante Taubaté, SP)



OPERÁRIO DA CONSTRUÇÃO CIVIL - RJ

Precisamos é aumento!

A diretoria pelega do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil-RJ anunciou o "Palácio dos Trabalhadores da Construção Civil", que será a nova sede do sindicato. Eles se serviram do dinheiro dos trabalhadores e gastaram materiais de luxo nessa obra. Isso é um grande desrespeito para com a classe, que vive um regime de salário de fome e superexploração.

O Sr. Arnaldo, atual presidente, e a sua "gang" recebem cobertura do regime militar. Vejam só, em plena fase de



DESEMPREGO EM CAMPINAS - SP

Somos fortes, somos muitos

A espera na grande fila, quando o sol nem apontou, mais uma esperança de conseguir emprego. De pé, agachados ou sentados no chão, homens e mulheres pacientes, cansados e com sono, esperam... Muitas mãos segurando a manjada bolsinha onde estão os documentos necessários para satisfazer a porção de perguntas. Aceita fazer turno, aceita fazer extras aos sábados e domingos, aceita isto ou aquilo. A resposta, é claro: sim, sim, senão não arruma o serviço.

E o tempo vai passando, gente vindo de todo lugar, gente de muito longe, muitos vêm da roça, percebendo no modo de falar. A fila vai dobrando o quarteirão, um montão de gente, e vai aumentando...

Agora aparece um homem baixinho do setor de recrutamento e com dois guardas, como sempre barrigudos, vai passando um sacão, pedindo as carteiras de trabalho. As

carteiras são peneiradas lá dentro. Como sempre a maioria das carteiras não interessa e apenas poucas pessoas ficam para tentar a sorte.

Os caras que não conseguiram emprego agora estão em outra parte da cidade, nas praças, nos bares. Tem gente que vai se desesperando. Semanas, meses e até ano que passam e nada de serviço. Alguns não vêm outra saída e, para sobreviver, caem no submundo, correndo de madrugada pelas ruas e a sirena tocando atrás.

Hoje em dia ninguém mais escolhe. Rebaixar a carteira virou rotina. A vontade de ser útil, de produzir e ganhar dinheiro, de ter uma casa decente se acabar, termina numa placa: "Não temos vagas".

Essa vida tem que mudar. Não somos animais. Estamos vivendo pior do que cachorro. Temos direito de viver como seres humanos. E a vida continua e é preciso viver. É preciso lutar. Os problemas de cada

um são de todos, pois todos sofremos. E a gente vai despertando, percebendo que unidos nos tornamos uma força gigante, como uma onda de mar enfurecido, que vem se formando e crescendo, como uma enchente que transborda, derrubando as barreiras. Somos multidões. Ainda não sabemos a força que existe na gente para criar uma nova sociedade sem classes, onde não haverá ricos e pobres, todos serão iguais. Poderemos viver como seres humanos, ter empregos, casas, comida, escola, hospitais.

Todos nós sonhamos com isso e temos que lutar por isso. Os ricos é que não querem mudança, porque eles estão com a barriga e bolsos cheios. Afinal existem milhões de braços que trabalham para eles a preço que eles determinam. Sem nós eles não são é nada.

(Um desempregado - Campinas, SP)

RODOVIÁRIO - RJ

Conclat não é problema de cúpula

No nosso sindicato o Conclat é uma questão fechada. Como o Conclat está sendo articulado pela Unidade Sindical e a Diretoria tem grande participação na Unidade Sindical, o Conclat tornou-se, ou será viável só através da cúpula.

O Conclat é o reflexo fiel, a nível nacional, da forma como são encaminhadas as nossas próprias assembleias da categoria. Está havendo uma participação para o Conclat, mas lá quem está fora não entra e quem está dentro não sai.

Como será feito o Conclat? O regulamento? Qual a comissão organizadora? Para que serve o Conclat? Enfim tudo sobre o Conclat está restrito à cúpula sindical (aos dirigentes). A menor informação é boicotada. Boicotam a participação da categoria no Conclat, porque também querem boicotar o Conclat.

(Um rodoviário Rio de Janeiro, RJ)

OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL - SP

Eleição de araque

Nas eleições do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Construção Civil e Cerâmicas de Mogi das Cruzes e Suzano o descaramento foi total. O pelego Joaquim Trabuco, além de evitar que se formasse uma chapa de oposição, não permitiu que nenhum elemento mais combativo participasse da sua chapa.

No dia da votação, a mesa era formada pelo próprio Joaquim Trabuco,

candidato a reeleição, a secretária do Sindicato dos Têxteis de Mogi e um diretor da Federação.

A pressão foi tanta, a ponto das cédulas serem preenchidas na frente e sob os olhares do sr. Joaquim. Os operários não tiveram nem a oportunidade de enviar os votos com receio de serem dedurados e perder o emprego.

(Um operário da Construção Civil de Suzano, SP)

BANCÁRIOS - CE

Banco de Deus ou do Diabo?

O BRADESCO é conhecidíssimo em todo o Brasil como o melhor e mais perfeito mau exemplo de estabelecimento creditício do País. Explora, humilha, paga mal, engana seus funcionários e ainda age invocando o nome de Deus. Sua majestosa sede central, ironicamente, para não dizer camicamente, está localizada na Cidade de Deus, em Osasco-SP. Inúmeras são as denúncias que recebemos sobre esse banco.

1) Diversos funcionários são guardados a postos de Chefia ou de Caixa e não passam a receber nenhuma remuneração adicional, relativa a função em comissão. Quer dizer: ao funcionário empurrar mais trabalho, mais responsabilidade. É a compensação financeira? Necas! 2) Resolveram pagar horas extras aos caixas (antes não faziam) e

suprimiram o adicional de comissão. Passaram a cumprir uma face da lei e descumpriram outra. Em outras palavras: cobriram um santo e descobriram outro. 3) Por falar em santo, os funcionários de nossa agência vivem de promessa, a três por quatro. Os administradores prometem promoções e a gente fica na espera. Resultado: tem companheiro há mais de dois anos esperando, esperando... 4) Bastante demissões quase diariamente, às vezes em massa. Demitem os funcionários mais antigos para admitirem outros, novatos, para diminuir despesas. 5) Grande parte do funcionalismo trabalha mais de oito horas por dia, num flagrante desrespeito à CLT. O BRADESCO obriga seus funcionários a fazer seguro de vida pessoal, e ainda estabelece quantidade de seguro para

cada um vender, sob pena de demissão. 7) A clientela, não muito permanente, reclama muito do banco. Inúmeros erros, muita demora, etc. Não sabem entretanto, que os menos culpados são os funcionários.

O BRADESCO é isso aí e mais uma porção de coisas. E os outros bancos não diferem em muito desse exemplo número um. O BRADESCO consegue apenas ser o pior. Quanto a nós só temos uma coisa a fazer, para mudar toda essa situação de absurda exploração: procurar nosso sindicato para nos organizar, para estarmos unidos na próxima campanha salarial em todo Brasil. Formar núcleos de amigos da Tribuna Operária e também um importante passo para nossa união.

(Bancários do Bradesco amigo da T.O. Fortaleza, CE)

O deputado metalúrgico propõe SINDICATO RENOVADO E FORTE

Recebemos do companheiro Aurélio Peres, operário ferramenteiro da Caloi, fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Fé do Sul, organizador do Movimento Contra a Carestia e atualmente deputado federal da Tendência Popular do PMDB, o seguinte manifesto, que está sendo amplamente difundido entre os metalúrgicos de São Paulo. **Companheiros metalúrgicos:**

O Brasil vive hoje dias tormentosos. Nos últimos 17 anos o regime dos militares levou o nosso país à mais profunda crise da sua história. Nunca a inflação esteve tão alta como a de hoje, com mais de 110% ao ano. Nunca o custo de vida subiu tanto e nunca os salários estiveram tão arroxados. Até o feijão virou comida de rico. Nunca o Brasil esteve tão endividado, espoliado e humilhado pelos capitalistas e pelos banqueiros internacionais. A dívida externa já vai além dos 60 bilhões de dólares.

A miséria cresce na cidade e no campo. A fome mora no estômago de mais de 30 bilhões de brasileiros. Pioram as condições de moradia. Em São Paulo, mais de 1 milhão mora em favelas e para agravar cresce a praga do desemprego. Em nossa capital, de cada cem operários dez não têm onde trabalhar.

Em todos estes anos, o governo falou de "milagre", de "Brasil grande potência", mas o que se vê é a dura realidade do arrocho salarial, da falta de liberdade, da intervenção nos sindicatos e da perseguição política. Hoje, os patrões e o governo vêm descarregar o peso da crise, que eles criaram, sobre os nossos ombros.

Não podemos aceitar esta situação! Os responsáveis pela crise são os banqueiros e capitalistas internacionais e seus sócios dentro do país. São os grandes fazendeiros que expulsam as camponeses da terra. É o governo que oprime o povo com esta política econômica e financeira antipopular e antinacional.

Companheiros metalúrgicos:

Nós é que construímos a riqueza do nosso país! Contra a crise e o desemprego vamos fazer valer nossa voz e nossos



Aurélio: em defesa da sua classe

direitos. Para enfrentar esta situação, vamos construir organizações fortes e independentes nas fábricas e no sindicato.

Por tudo isto a batalha que nos espera em junho é muito importante para todos os metalúrgicos de São Paulo. É que seremos chamados para eleger uma nova diretoria que representará os 425 mil metalúrgicos da capital paulista. Essa diretoria dirigirá por 3 anos o maior sindicato dos trabalhadores de toda a América Latina.

Companheiros metalúrgicos:

Precisamos renovar e fortalecer o nosso sindicato. Precisamos de um sindicato que seja um instrumento de luta da categoria, que a mobilize e a organize para lutar contra o desemprego, contra a carestia de vida, por melhores salários, por transportes e moradia decentes, por assistência médica etc.

Precisamos de um sindicato que una a categoria ao conjunto dos trabalhadores na luta pela liberdade e autonomia sindical, contra o enquadramento de dirigentes sindicais na Lei de Segurança Nacional e contra a intervenção governamental.

Precisamos de um sindicato que mobilize a categoria, para que ela ao lado de todo o povo lute pelo fim deste governo militar e pela conquista de um regime de liberdades.

Hoje o que vemos é que a atual diretoria tem procurado desmobilizar e dividir a categoria. Foi assim que agiu, por exemplo, na última campanha salarial!

Companheiros metalúrgicos de S. Paulo:

Chegou a hora de renovar o nosso sindicato. Vamos eleger para sua direção companheiros de luta, conhecidos da categoria, representantes honestos das bases. Vamos formar uma chapa que tenha a participação dos companheiros das fábricas e que não seja formada em conchavos na cúpula, à revelia dos trabalhadores. É hora de darmos um basta ao peleguismo, à conciliação com os patrões e um basta à traição!

Companheiros.

Apresento-me diante de toda a categoria com esta proposta de renovar e fortalecer o nosso sindicato! Como metalúrgico e deputado, eleito com quase 50 mil votos pelos companheiros operários, entendo que agora sou chamado para esta nova tarefa: organizar uma chapa que concorra às eleições de nosso sindicato e que o transforme em um instrumento de luta da categoria.

Entendo que hoje estamos chamados a eleger uma nova diretoria que, além de manter e ampliar a nossa sede, a colônia de férias, a assistência aos associados, além de abrir subdesdes nas áreas de concentração, seja uma diretoria que mobilize e organize todos os metalúrgicos na luta: contra a fome; por melhores salários; contra o desemprego e pela estabilidade no emprego; pela jornada semanal de 40 horas, sem redução dos salários; por melhores condições de trabalho, transporte, saúde e moradia; pelo fortalecimento e renovação do Sindicato; por amplas liberdades; pelo fim do regime militar.

Companheiros metalúrgicos:

Da nossa decisão e da nossa união depende a vitória. Depende de nós a construção de um sindicato forte e combativo. Os metalúrgicos de todo o país e a classe operária esperam nossa decisão. Estou certo de que venceremos a batalha.

Aurélio Peres

Tribuna Operária

ESCÂNDALO DA TIEPPO

Crime de rico a lei encobre

No ano passado cerca de 300 milhões de cruzeiros foram roubados no Brasil em assaltos à mão armada. E por causa disto alguns generais ameaçam botar o Exército nas ruas.

Neste mesmo período, as falcatruas no sistema financeiro renderam vinte vezes mais, cerca de 6 bilhões de cruzeiros. Mas a maioria dos responsáveis por estes assaltos continua tranqüilamente gozando a vida nos seus palacetes. E entre um copo e outro de uísque, discutem a necessidade de medidas energéticas contra os marginais.

O caso mais comentado atualmente é o escândalo da corretora Tieppo, com um roubo de 1 bilhão e 500 mil cruzeiros. Estão envolvidos cerca de 70 milionários, que aplicavam dólares para especulação no mercado internacional.



NOMES NÃO VIRÃO À LUZ

Os dólares saíam ilegalmente do país, passavam por manobras financeiras na Argentina e rendiam lucros fabulosos de até 50%. Os ricos recebiam seus juros através de intermediários no câmbio negro, ou então tinham os resultados depositados no banco Morgan, nos EUA. A falência de um banco argentino fez com que os negócios fossem interrompidos e viessem à público.

Passados mais de 30 dias, o próprio Tieppo continuava confortavelmente instalado na chácara de sua filha, perto de S. Paulo. E numa reunião entre altos funcionários do Banco Central e a Polícia Federal, ficou acertado que de modo algum a lista dos empresários pode ser divulgada.

Se fosse uma quadrilha de assaltantes da Baixada Fluminense, já estava com fotografia nas primeiras páginas dos jornais mais escandalosos. Mas no caso são respeitáveis burgueses, na maioria comprometidos com o esforço do governo para produzir, poupar e exportar.

COISAS CORRIQUEIRAS

A corrupção e a fraude são coisas corriqueiras num sistema onde a mola central é ganhar mais e mais dinheiro, onde todos os meios são válidos para aumentar o lucro. Mesmo o crime de manipular os bilhões produzidos à custa da miséria de milhões de trabalhadores que vivem com salários de fome, no final das contas é permitido pelo capitalismo.

Os meios ilegais de ganhar dinheiro são ainda mais atraentes se os milionários contam com a sólida proteção de um regime militar, onde os próprios responsáveis pela "segurança" podem montar máquinas clandestinas como os DOI-CODI e o Esquadrão da Morte, em geral diretamente envolvidos com a corrupção.

OPERÁRIOS SE REVOLTAM COM TRANSPORTE ATRASADO, CARO E RUIM

Batalha de 20 mil contra PM em Vila Matilde

Na noite de 6 de fevereiro, um gigantesco quebra-quebra de trens e várias escaramuças entre operários revoltados e policiais agitaram a Zona Leste da capital paulista. Um jovem metalúrgico, correspondente voluntário da **Tribuna Operária**, estava lá e dá seu depoimento.

Naquela sexta-feira eu ia para o centro da cidade, de ônibus, depois de uma cansativa semana de trabalho. De repente, perto da estação de trem de Vila Matilde, o trânsito começou a segurar o ônibus. Alguma coisa fora do normal estava acontecendo, gente correndo...

Eu desci do ônibus e fui para a estação. Arrumei um pedaço de papel e comecei a entrevistar o pessoal. Naquela correria, três jovens, com aquelas bolsinhas de carregar marmitta, explicaram: "O trem atrasou, na quarta, na quinta e hoje. Agora eles vão aprender". E enquanto falavam iam pegando pedras e atirando nos trens parados

VIAGEM COM PÉ SÓ

Eu ando de trem e sei como é. O preço agora aumentou de 4 para 6 cruzeiros. A lotação é tanta que a maioria não tem lugar nem para se segurar. Muita gente viaja num pé só, porque não tem lugar para pisar. Sem contar os que vão pendurados e os que nem podem ir.

Conhecendo a situação, percebi que a coisa ia pegar fogo. Um operário de uma fábrica de sapatos, do Brás, soltou então um grito, destes de assustar: "Chega de sofrer, vamos quebrar com isto!". Cada um gritava uma coisa: "Não vamos deixar nada!"; "Agora é a nossa vez!"; "Ou essa porra melhora ou acaba de uma vez!"

COMO LINHA DE PRODUÇÃO

Olhei para os lados e só via gente, gente cansada, vestida de modo simples, com o rosto transmitindo um ódio que ia junto com as pedras que jogavam. Naquela hora eram umas 20 mil pessoas.

Começou o fogo, na casa onde fica a administração e nos quibichês da estação. Daí a um instante, os trens também estavam queimando.

Todo mundo participava. Uns arrumavam jornais, outros tocavam fogo, outros entravam nos vagões para atirar. Vi muitas mo-

ças tirar em de dentro das bolsas revistas de fotonovelas e até os guardanapos que embrulhavam as suas marmittas, que iam alimentar a fogueira.

Parecia uma linha de produção. Um gritava, lá na frente: "Mais papel, gente! mais papel!" — e começava um passa-passa lá atrás que chegava até o fogo.

"TEM É QUE IR EMBORA!"

De vez em quando os gritos eram "puxa!", "pega!" e xingamentos. Eram contra a polícia, umas oito viaturas, com uns 50 policiais ao lado. Eles não podiam se mexer que o povo xingava e atirava pedras.

Fui entrevistar os policiais: "O que vocês vão fazer?" Um que eu acho que era sargento gritou que não interessava, nas quando eu disse que era da imprensa ele desafiou: "O que podemos fazer?!" Outro então falou: "A gente tem que ir embora..." Alguns estavam com arma na mão, mas tremendo que só uma barata.

TRABALHO, ÓDIO, ALEGRIA

Voltei para o trem, que já estava meio devorado pelo fogo, um fogo nascido daquele trabalho coletivo e daquele ódio coletivo. Agora era a alegria coletiva. Sempre que saía uma labareda maior de dentro dos vagões a alegria era geral. Todos batiam palmas — umas palmas carregadas de ódio, bem fortes, sem descanso e acompanhadas de gritos.

Estas cenas se repetiam a cada vagão que o fogo destruía, a cada momento em que saía uma turma que tinha ido queimar. Isto durou mais ou menos uma hora e meia. Era como uma festa do povo. Homens e mulheres, velhos e jovens, todos gritavam a mesma coisa.

A turma olhava para os trens em chamas e dizia: "Nós temos que fazer isso é no palácios do governo. É a gente tem que pegar o governo e fazer isto". Um jovem metalúrgico falou: "Eu moro em Itaquera e trabalho na Lapa, sofro



Acima, a perua carregada de bolachas que forneceu o jantar dos operários revoltados; ao lado, composições destruídas durante o motim.

nestes trens todo dia. O culpado é o governo e no dia em que a gente pegar ele vai ser muito melhor do que isto".

BOLACHA SERVIU DE JANTA

Nessa altura começaram a quebrar também os ônibus. Mandavam todo mundo descer e destruíam o ônibus, na paulada e na pédrada. Foi assim com uns 20, sendo que sete ficaram no local.

Uma perua que transportava bolachas forneceu a janta daqueles operários. Depois, alguém incendiou a perua também.

DEZ MINUTOS DE BATALHA

Alguns jovens subiram num ônibus abandonado, foram com ele até o alto de uma ladeira e o saltaram em cima de uns carros da polícia, uns 30 metros abaixo, mas erraram a pontaria e o ônibus caiu num barranco.

Por volta das 22:30, quando a maioria já tinha ido embora, chega-

ram vários caminhões da tropa de choque. Pareciam uns loucos, armado com bombas, rifles, cassetetes de um metro, dando tiros para cima e jogando as bombas.

Mas aqueles operários ali apesar do cansaço e do sofrimento eram corajosos. Encararam a PM por uns dez minutos. As armas deles eram os próprios braços, as bolsas, às vezes alguns pedaços de pau ou pedras. E apesar da desigualdade das armas puseram muitos policiais para correr, às vezes só no grito.

Houve muita luta corpo-a-corpo, a polícia avançando sobre o povo, o povo sobre a polícia, até que a polícia venceu e o povo teve que correr, pois já não estava com nenhuma vantagem.

COVARDIA POLICIAL

Aí a polícia começou a bater. Qualquer um que eles encontravam, juntavam dois, três e massacravam. Qualquer grupinho de



Quem devia viajar de trem era o Maluf e o Figueiredo

Os acontecimentos descritos, menos de um mês depois da revolta de certa forma semelhante que ocorreu na pequena cidade paulista de Palmeiras, tiveram uma repercussão considerável. Logo no dia seguinte, o Movimento Contra a Carestia de São Paulo lançou um documento, endossado por várias outras entidades, protestando contra as péssimas condições dos trens e contra a brutalidade policial.

Na segunda feira, dia 9, vários deputados estaduais e representantes de entidades compareceram à Estação do Brás, para ver de perto e denunciar a situação que gerou o protesto de sexta-feira. Os dados apresentados falam por si. Entre 1979 e 1980, o número de passageiros nos trens da linha suburbana aumentou em 11 mil, mas a frota da FEPASA não foi ampliada com um vagão sequer. Agora, que alguns serão substituídos, o espaço para os passageiros vai diminuir ainda mais em vez de aumentar. O ônibus visitado nem luz tinha. E os atrasos são tão freqüentes que muitas indústrias nem admitem mais operários quando ficam sabendo que eles moram na Zona Leste e se locomovem de trem. Outras empresas admitem o operário, mas despedem-no sumariamente depois do quinto atraso provocado pela FEPASA.

Comentando essa situação com os deputados, um usuário da linha, logo apoiado por todos os presentes, declarou: "Quem devia andar de trem era o *** do Maluf e o Figueiredo".